

ADAPTAR-SE À ORDEM, OU RESISTIR E ROMPER: GRAMSCI E A CRISE DE IDENTIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL.

Helder Molina - UERJ/ Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana – Doutorando
Eixo Temático: Política

Resumo

Este trabalho analisa a crise de identidade e de representação do movimento sindical no contexto contemporâneo das metamorfoses do capitalismo, e discute as contribuições de Gramsci sobre o papel dos sindicatos na disputa de hegemonia contra o capital.

Palavras Chaves: Educação - Política – Sindicatos

1. A história como método e processo: A identidade e o seqüestro da alma do sindicalismo

A omnilateralidade, isto, as múltiplas lateralidades da produção e a reprodução material da vida e do ser humano se desenvolvem dialeticamente, e nelas se articulam, do modo permanente e concomitante, as dimensões natural, econômicas, sócio-históricas e ético-políticas. Para o materialismo histórico e dialético, há uma relação mediada entre as formas como os homens (e as mulheres) ganham a vida e constroem seu meio ambiente material. Somos sujeitos históricos, a construção de nossa consciência é resultado de processos sociais e interações culturais. Produzimos e somos produzidos historicamente. Sabemos, a história é produto das contradições sociais, econômicas, políticas e culturais inseridas na vida material.

Portanto, a escolha de um objeto de estudo é resultado de fatores objetivos, colocados pelas necessidades, interesses e demandas acadêmicas e profissionais, mas sobretudo, pelas motivações subjetivas, construídas a partir das experiências vividas e das tomadas de posições ético-políticas diante da realidade que nos cerca. Um estudo acadêmico, a nosso ver, deve contribuir para transformar concretamente as condições de vida dos trabalhadores – que com sua força de trabalho produzem as riquezas e valores

que permitem a existência de uma universidade pública. Nossa pesquisa procurará somar esforços para a luta emancipatória da classe trabalhadora.

Na nossa trajetória, como na história da classe trabalhadora, nas diversas derrotas e fracassos e nas outras tantas vitórias, sempre esteve presente, embora muitas vezes inconsciente, a advertência de Marx,

“Os homens fazem sua própria, mas não a fazem como querem: não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhadas em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada”. (K. Marx, O 18 Brumário de Luis Bonaparte, 1988).

Esta alerta está explícita na construção deste projeto, que nasce de nossa trajetória de vida, cuja identidade é o movimento sindical, onde tenho referência, militância política, atividade profissional.

Nosso objeto de estudo, desde o mestrado, tem sido o movimento sindical, suas origens históricas, concepções políticas, referenciais ideológicos, e sua reconfiguração organizativa e político-ideológica, principalmente no contexto das metamorfoses operadas no/pelo capitalismo, e da ofensiva neoliberal no mundo do trabalho e na subjetividade dos trabalhadores, com aprofundamento do desemprego, destruição dos direitos dos trabalhadores e de seus laços de identidade e consciência de classe.

Coerente com nossa trajetória na formação política há mais de 17 anos, no movimento sindical e em movimentos sociais, e em projetos de educação de jovens e adultos trabalhadores, em sindicatos e nos projetos da CUT nacional. Desenvolvo assessorias e consultorias de formação e planejamento

O movimento sindical, em sua dialética, está em construção, permanentemente constituindo e reconstituindo as bases de sua materialidade, e tem como característica central estar em movimento. O sindicalismo teve sua alma sequestrada? A sociabilidade capitalista praticou um roubo de sua identidade? Sua essência foi subtraída? Mas, qual identidade? Há uma essência do movimento sindical? Como ela se materializa?

2. Os referenciais teórico-político clássicos sobre os sindicatos, seu papel histórico e sua atualidade

O debate sobre o papel dos sindicatos, na atual hegemonia do capital e suas metamorfoses, é marcado por profundas divergências. Mas essas divergências estão presentes desde o nascimento do movimento operário, e sobre qual seriam suas tarefas na luta contra o capitalismo e pela construção de uma nova ordem econômica, social e política., desde meados do século XIX, e perpassando por todo século XX.

Na luta política e ideológica atual, uma das formas mais persistentes utilizadas nas tentativas para enfraquecer e confundir o papel dos sindicatos, são várias e multifacetadas teorizações em torno da crise sindical. Não há dúvida em relação à concreticidade das assertivas que dizem que movimento sindical enfrenta enormes problemas e dificuldades, exigindo profunda reflexão sobre a sua orientação, ação, organização, formas de intervenção e perspectivas de desenvolvimento.

Nessas análises e debates, constatamos profundos antagonismos, de um lado, uma visão, ao nosso ver, marcada pelo esquerdismo, que carrega tintas nas denúncias e exigências, com um programa muitas vezes ultimata e doutrinário, por isso mesmo, incapaz de dialogar com as massas de trabalhadores, propondo-se como alternativa, mas se isolando dos processos vividos por estas.

De outro lado estão a ideologia liberal e sua concepção e prática sindical, com um discurso e projeto reinventado, que se constituem com cara própria, ou vários caras de um mesmo projeto societário de adequação ou conservação da ordem capitalista. Como subproduto desta última, identificamos as concepções reformistas, que têm como objetivo a conquista de melhores condições de trabalho e de vida, sem adaptado à sociabilidade capitalista, sem contudo romper com o projeto societário desse modo de produção. Uma humanização do capitalismo, como se assim fosse possível.

Sobre esse debate e antagonismos, nos alerta Thompson,

“A prática histórica está, acima de tudo, empenhada nesse tipo de diálogo, que compreende: um debate entre, por um lado, conceitos ou hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e, por outro, evidências recentes ou inconvenientes; a elaboração de novas hipóteses; o teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes, mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que não suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que as suportam, à luz desse ajuste.” (Thompson, 1981, p. 54).

Os sindicatos enfrentam enormes problemas e dificuldades, que exigem profunda reflexão sobre a sua orientação político-deológica, ação, organização e formas de intervenção e perspectivas tático-estratégicas, fruto das alterações radicais na composição e estratificação da sua base social, provocadas pela profunda revolução no processo produtivo. Essa crise se relaciona com a enorme ofensiva desregulamentadora, para eliminar ou enfraquecer os direitos históricos dos trabalhadores. Nossa análise são referenciadas nos clássicos - Marx, Engels, Gramsci, Thompson, Hobsbawn, - e na mediação e interlocução destes com a contemporânea literatura histórico-político-sociológica, como, Alves, Boito Jr, Antunes, Badaró de Mattos, Frigotto, Linhart, Ramalho, Hyman, Tumolo, Mészáros.

Os sindicatos não conseguem dialogar com as massas de trabalhadores - fetichizadas pela reificação da mercadoria e pela ideologia neoliberal? E crescente o questionamento sobre validade e existência dos sindicatos, a não ser para negociar o preço das mercadorias força de trabalho e trabalhador, no balcão do mercado capitalista? Não teriam perdido definitivamente sua marca originalmente anticapitalista e emancipatória? A crise capitalista e seus elementos sócio-regressivos só aprofundaram as tentações neocorporativas e as práticas burocráticas sob o discurso de sobrevivência e da prática possível diante das dificuldades da ofensiva do capital.

Para Marx, enquanto o movimento dos trabalhadores mantiver vínculos exclusivos vinculado à forma-sindicato, cuja característica é a luta meramente defensiva, de caráter econômico ou político, contra o capital, continuará com sérias limitações diante da própria lógica do capital, submetida a esse “sujeito” que domina o complexo societário contemporâneo.

Gramsci, coerente com sua vinculação à teoria política marxista, afirmava que os sindicatos poderiam se converter em ferramentas para a luta revolucionária. Por isso mesmo, ele foi um teve sempre uma postura intelectual e militante de crítica à burocratização dos sindicatos e partidos operários no período histórico que se sucedeu à revolução bolchevique de 1917. Gramsci (1976) entendia os sindicatos profissionais como um tipo de organização proletária específico do período de história dominado pelo capital. Esta experiência pôde mostrar aos operários o poder de organização e mobilização que eles tinham, além de ser uma experiência educativa que mostrou a eles sua força, em relação aos capitalistas italianos.

Esta experiência mostrou que a partir da própria produção capitalista, do coração do sistema já era possível construir um duplo. O horizonte limitado dos sindicatos dentro da ordem capitalista faz com que tenham limites em transpor esta ordem, tendo um papel político e pedagógico importante no sentido de mostrar à classe trabalhadora seus limites em se reformar. Alves (2005), numa perspectiva marxista, afirma que as raízes da luta dos trabalhadores e dos sindicatos como produto da sociedade de classes, em que seu papel é o da transformação radical, no sentido da emancipação dos trabalhadores do jugo do capital, e busca elementos para analisar as possibilidades e os limites do sindicalismo numa sociedade de classes produtora de mercadorias, e o surgimento de uma forma de práxis sindical que expõe com clareza os limites da *forma-sindicato* na época da crise estrutural do capital.

Além de reconhecer o valor das lutas sindicais, Marx não deixou de destacar a necessidade estrutural delas. As lutas econômicas faziam parte da própria condição operária, eram intrínsecas à condição da mercadoria-força de trabalho. Para ele o sindicalismo e os sindicatos eram uma condição própria do mundo industrial capitalista demonstrou ser correta. Alves (2007) argumenta que Marx destacou o valor das lutas sindicais, seus aspectos políticos e sua importância moral para a classe trabalhadora, ele manteve sempre uma posição de crítica do sindicalismo e dos seus limites.

Marx não demonstrou os limites de um tipo particular de sindicalismo - o sindicalismo de ofício, por exemplo. Ele denunciou os limites do sindicalismo de todo tipo. Mesmo o sindicalismo de indústria, um sindicalismo de massa que veio a prevalecer durante o século XX, possuía também, como característica principal, a luta meramente defensiva contra os abusos dos capitalistas. Enfim, a crítica de Marx é a crítica da forma-sindicato, que tende a manter-se, por sua própria natureza, no interior do círculo de domínio do capital.

Para Marx, o valor da força de trabalho constitui as bases racionais e declaradas dos sindicatos, cuja importância para a classe operária convém não minimizar. Os sindicatos têm por fim impedir que nível dos salários desça abaixo do montante pago tradicionalmente nos diversos ramos da indústria, e que o preço da força de trabalho desça abaixo do seu valor (Borges, 2010).

(...) há uma grande diferença entre o montante do salário determinado pela oferta e procura e o montante do salário que o vendedor -o operário- é forçado a aceitar, quando o capitalista trata com cada operário isoladamente e lhe impõe um salário abaixo, explorando a miséria excepcional do operário isolado, independentemente da relação geral da

oferta e da procura. Em conseqüência, os operários unem-se para se colocarem, de certo modo, num pé de igualdade com o capitalista no que respeita ao contrato de compra e venda do seu trabalho. É essa a razão (a base lógica) dos sindicatos (Marx, 1972:47-48).

Em análise das ações sindicais da época, Marx insiste que os sindicatos ocupavam-se excessiva e exclusivamente das lutas locais e imediatas contra o capital. Apesar disso, nestes últimos tempos, começaram a aperceber-se da sua grande missão histórica. Como exemplo disso, cita os movimentos políticos na Inglaterra.

“À parte a sua obra imediata de reação contra as manobras entreguistas do capital, eles (os sindicatos) devem agora agir como centro de organização da classe operária, com a grande finalidade da sua emancipação radical. Devem apoiar todo o movimento social e político encaminhando-se nessa direção (...); farão nascer à convicção nas grandes massas operárias que em lugar de estarem circunscritas em limites estreitos e egoístas, o seu fim tende para a emancipação de milhões de proletários calcados aos seus pés.” (Marx, 1972:68).

Engels discutira a importância dos sindicatos, não só para suprimir a concorrência entre os trabalhadores (as máquinas eram introduzidas na produção e aumentavam o exército industrial de reserva), mas também porque, ligados às lutas e reivindicações econômicas, os trabalhadores ingleses haviam formado um partido que disputava, com a burguesia, o poder e a distribuição dos frutos do trabalho. Borges (2010).

Sobre as greves, na Resolução do III Congresso da Internacional (1868), declarou que estas não são um meio de emancipar completamente o trabalhador, mas uma necessidade na situação atual de luta entre o trabalho e o capital; No que diz respeito à organização das greves nos ramos de produção em que ainda não há sindicatos, sociedade de resistência, de socorro mútuo, é importante criá-los, e depois solidarizar todos os sindicatos de todas as profissões e de todos os países (Borges 2010)

Mas não deve reduzir a luta contra o capital somente à esfera do salário e do emprego, sob pena de reduzi-las às reivindicações corporativas *"se a classe operária cedesse covardemente no seu conflito diário com o capital, privar-se-ia sem dúvida da possibilidade de empreender movimentos de maior envergadura"*. Isso porque ao lutarem por aumentos salariais, os operários *"lutam contra os efeitos e não contra as causas desses efeitos, que o que fazem é refrear o movimento descendente, mas não alterar o seu rumo: que aplicam paliativos e não a cura da doença"*.

Marx observara também que

“Os sindicatos atuam com utilidade como centros de resistência às usurpações do capital. Deixam, em parte de atingir o seu objetivo quando utiliza a sua força de forma pouco inteligente. No entanto, deixam inteiramente de atingi-lo, quando se limitam a uma guerra de escaramuças,

contra os efeitos do regime existente, em vez de trabalharem, ao mesmo tempo, para a sua transformação e servirem-se da sua força organizada como uma alavanca para a emancipação definitiva da classe trabalhadora. (...) Em vez da palavra de ordem conservadora "um salário justo por um dia de trabalho justo", devem inscrever na sua bandeira a palavra de ordem revolucionária: "abolição do salariado" (Marx, 1998: 84-86)

No texto sobre Sindicatos e Conselhos I, no Jornal L'Ordine Nuovo de 11 de Outubro de 1919, Gramsci crítica os sindicatos italianos por sua burocratização e afastamento da classe trabalhadora, evidenciando seus limites como instrumento ligado à luta imediata por melhorias nas condições de trabalho e salário, ou seja, por reformas sociais.

“Os operários sentem que o complexo da ‘sua’ organização se tornou num aparelho de tais dimensões que acabou por obedecer a leis próprias, inerentes à sua estrutura e ao seu complicado funcionamento, mas estranhas à massa que adquiriu consciência da sua missão histórica de classe revolucionária. Eles sentem que a sua vontade de poder não encontra expressão adequada na atual hierarquia institucional. Eles sentem que, mesmo na sua casa, na casa que tenazmente construíram, à custa de esforço e perseverança, cimentando-a a sangue e lágrimas, a máquina esmaga o homem, a burocracia esteriliza o espírito criador e o diletantismo banal e verbalista tenta em vão esconder a ausência de idéias precisas sobre as necessidades da produção industrial, ou a incapacidade de comprometer a psicologia das massas proletárias. Os operários irritam-se com estas condições de facto, mas são impotentes individualmente para as modificar; as palavras e a vontade dos homens isolados são muito pouca coisa em comparação com a s leis de ferro inerentes à estrutura burocrática do aparelho sindical” (Gramsci, 1976, 42).

No mesmo texto, Gramsci afirma que

“A teoria sindicalista falhou completamente na experiência concreta das revoluções proletárias. Os sindicatos demonstraram a sua incapacidade orgânica para encarnarem a ditadura do proletariado. A evolução normal do sindicato está assinalada por uma linha de decadência do espírito revolucionário das massas: aumenta a força material, enfraquece ou desaparece de todo o espírito de conquista, quebra-se o impulso vital; à intransigência heróica sucede a prática do oportunismo, a prática ‘do pão e da manteiga’. O incremento quantitativo determina um empobrecimento qualitativo e uma acomodação fácil às formas sociais capitalistas, determina o aparecimento de uma psicologia parasitária, mesquinha, de pequena e média burguesia”. (Gramsci, 1976, p. 47-48).

Como vemos, ele é um crítico da burocratização dos sindicatos e partidos operários num período de efervescência revolucionária pós 1917. Para ele, o sindicato de profissão ou de indústria contribui para o afastar de um possível auto-conceber-se enquanto produtor, “e leva-o a considerar-se ‘mercadoria’ de um mercado nacional e internacional que estabelece, com o jogo da concorrência, o seu próprio preço, o seu próprio valor” (Gramsci, 1976, p. 47-48).

Ainda segundo Gramsci (1976) os sindicatos profissionais são o tipo de organização proletária específico do período de história dominado pelo capital.

“Num certo sentido, pode sustentar-se que é parte integrante da sociedade capitalista . Nesse período, no qual os indivíduos valem enquanto proprietários de mercadorias e comerciam as suas propriedades, também os operários tiveram que obedecer às leis férreas da necessidade geral, tornando-se mercadores da sua única propriedade, a força de trabalho e a inteligência profissional”. (Gramsci, 1976, P. 162)

Gramsci acreditava que seria possível converter os sindicatos em instrumento revolucionário:

“O advento de uma legalidade industrial foi uma grande conquista da classe operária, mas não é a última e definitiva conquista: a legalidade industrial melhorou as condições de vida material da classe operária, mas ela não é mais do que um compromisso que foi necessário aceitar, que será necessário suportar até que as relações de força forem desfavoráveis á classe operária.” (Gramsci, p.162)

3. O que fazer?

É verdade que vivemos um tempo complexo, com profundas e aceleradas mudanças no mundo do trabalho, de globalização, crise do emprego formal e do trabalho assalariado. Um tempo em que a dominação capitalista se traveste de novas formas de gestão, de novos métodos de produção, de novas sociabilizadas baseadas no consumo, no individualismo, na competição e na desenfreada busca de respostas individuais para problemas que só podem ser resolvidos coletivamente.

As inovações tecnológicas, o endeusamento do mercado, que transforma o dinheiro numa religião, a alienação crescente dos jovens, a falta de perspectivas profissionais, a exclusão crescente das massas trabalhadoras, colocam para nós o desafio de se debruçar nos estudos, abandonar as respostas fáceis, os chavões, as palavras de ordens vazias de conteúdos, e aprofundar na reflexão política da realidade em que vivemos.

Alves (2005) argumenta que

da “década neoliberal” e sua crise do sindicalismo surge, nos anos 2000, um sindicalismo de crise, elemento compositivo do Estado neoliberal, sindicalismo mais disposto a colaborar com o Estado político e incapaz de ser centro de contestação à ordem social, organizando, em torno de si, precarizados e excluídos da lógica produtiva do capital. O que significa que da “década neoliberal” emergiu um novíssimo sindicalismo em contraste com aquele da década de 1980. A crise da base sindical destilou práticas neocorporativas. A inércia da burocracia sindical acirrou-se com a crise social e os interesses de castas político-corporativas tenderam a proliferar sobre a consciência de classe.

Ao nosso ver, a formação é uma ferramenta fundamental para consciência de classe e ação política dos trabalhadores, mais do que nunca os sindicatos precisam investir na formação política e sindical de seus dirigentes e militantes. A emancipação dos

trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores, as mudanças sociais profundas só foram realizadas a custo de muita luta de nossa classe.

Essas questões só podem ser compreendidas se estudar paciente e atentamente a realidade. Resgatar esse desejo e essa possibilidade de rasgar o tecido do modo de vida e de produção capitalista, do ponto de vista da produção intelectual e da luta política concreta. Nisso Gramsci pode contribuir decisivamente para superação do dilema sindical atual. Na teoria gramsciana, a questão dos intelectuais ganha importância na medida em que eles têm um papel fundamental de fazer com que as idéias e a cultura dominante sejam aceitas como idéias e cultura de todos. Os sindicatos devem atuar como educadores coletivos da classe para sua emancipação, e para disputar hegemonia na luta contra o capital e suas ideologias.

Para que a produção de intelectuais possa acontecer, no caso da burguesia, esta conta com os aparelhos de hegemonia como o próprio Estado e suas instituições, os meios de comunicação, a educação, e etc. No caso da classe trabalhadora, ela conta com os sindicatos, os movimentos sociais e os partidos operários. A crise social e seus elementos sócio-regressivos só aprofundaram as tentações neocorporativas e as práticas burocráticas sob o discurso de sobrevivência e da prática possível diante das dificuldades da ofensiva do capital. Nesse período, fortaleceu-se o capital financeiro, explicitando-se as dificuldades objetivas postas pela mundialização do capital.

O conhecimento e a cultura são fundamentais, por elas, a classe dominante consegue manter sua hegemonia, mais pelo convencimento do que pela repressão. Identificando dois tipos de intelectuais, aqueles que se dedicam à pesquisa e ao estudo teórico como o intelectual tradicional, e aquele intelectual orgânico que pode ser um líder, que desenvolve consciência e identidade de classe, e desdobra-as na luta emancipatória com a classe a qual pertence.

3 - Referencias bibliográficas

ALVES, Giovanni. O novo (e precário) mundo do trabalho Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo, 1ª ed., Boitempo, SP, 2000.

_____. Reestruturação Produtiva e crise do sindicalismo, 1ª Ed., SP, Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo (org.). Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: Reestruturação produtiva no Brasil e Inglaterra, 1ª ed., Boitempo, SP, 1997/

_____. Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Coleção Mundo do Trabalho, São Paulo, 1ª edição, Boitempo, 1999.

_____. Adeus ao Trabalho: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 1ª Cortez/Unicamp, SP, 1998.

BOITO Jr., Armando. Política neoliberal e sindicalismo no Brasil. 1ª ed., Xamã, 1999.

_____. Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil, Crítica Marxista, vol. 1, n. 3, SP, 1996.

BORGES, Célia Regina Congilio Karl Marx, os sindicatos e a Central Única dos Trabalhadores frente à reestruturação do capital. www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal
CRUZ, César Albenes de Mendonça. Sindicato e partido político em Gramsci. www.estudosdotrabalho.org

FRANCO, Maria Ciavatta. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In Teoria e Educação no Labirinto do Capital. Vozes, RJ, 2001

FRIGOTTO, Gaudêncio. O Enfoque da Dialética Materialista na Pesquisa Educacional. I

FRIGOTTO, G. (org.). Teoria e educação no labirinto do capital, 1ª ed., Vozes, RJ, 2001

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000

_____. Sobre Democracia Operária e outros textos. Biblioteca Ulmeiro n.4. Lisboa/Portugal: Ulmeiro. 1976.

HOBBSBAWM, Eric J. Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HYMAN, Richard. Os Sindicatos e a desarticulação da classe operária, Revista Latino Americana de Estudos do Trabalho. ano 2. n.4, ALASTRA, 1996.

LINHART, Danièle. A desmedida do capital, SP, Boitempo, 2007

MARX e Engels. A Ideologia Alemã, SP, Hucitec, 1993, p.27

_____. Contribuição à Crítica da Economia Política, São Paulo, Martins Fontes, PP 23-27, 1993.

_____. O capital, Volume I, p.50, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

_____. Manuscritos de 1844, n.22, Obras Escolhidas, Alfa-Omega, SP, 1986

_____. 18 Brumário de Napoleão Bonaparte. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975

MOLINA, Helder. A CUT e a Educação dos Trabalhadores. Travessia ou Permanência? Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

RODRIGUES, Iram Jácome. O Novo Sindicalismo; vinte anos depois, Vozes/Unitrabalho, Petrópolis, 1999.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v.3.

TUMOLO, Paulo Sérgio. A CUT e a Formação Profissional: Esboço de Uma Análise Crítica, Trabalho & Crítica, GT Trabalho e Educação, ANPED, n.1, Setembro, RJ, 1999.